



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - *CAMPUS XII*
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

IRACI GARCIAS DOS SANTOS RORIZ

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO: O OLHAR DE
ALUNOS E PROFESSORES**

GUANAMBI-BA
2018

IRACI GARCIAS DOS SANTOS RORIZ

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO: O OLHAR DE
ALUNOS E PROFESSORES**

Artigo apresentado à Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Educação-*Campus* XII, como requisito parcial
para a obtenção do grau de especialista em Educação do Campo.

Orientadora: Prof. Ma. Eugênia da Silva Pereira

**GUANAMBI-BA
2018**

IRACI GARCIAS DOS SANTOS RORIZ

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO: O OLHAR DE
ALUNOS E PROFESSORES**

Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia, sob orientação da Prof^a Ma. Eugênia da Silva Pereira.

Aprovada em, _____ de _____ 2018.

Prof^a. Ma. Eugênia da Silva Pereira
(Orientadora – UNEB/*Campus* XII)

Prof^a. Esp. Cleidiane Nogueira Prates Mendes
(Examinadora - UNEB/*Campus* XII)

Prof^a. Ma. Angra Santos Porto
(Examinadora - UNEB/*Campus* XII)

Dedico este trabalho à toda minha família, pelo apoio e incentivo. Em especial, a meu pai que sempre acreditou na minha força de vontade, mesmo quando nem eu mesma acreditava que eu pudesse chegar a algum lugar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por tudo que Ele tem me concedido. E até aqui Ele tem me ajudado.

Agradeço a minha família, pelo apoio e incentivo.

A professora Míria Marstela que me incentivou a inscrever no curso de Especialização em Educação do campo.

Agradeço a Antonio Santana pelas carronas.

A minha prima Neuraci, seu esposo Jânio e sua filha Joíce, pela acolhida em sua casa.

Agradeço a todos os colegas pelo carinho e a amizade. A meu colega, amigo, irmão e companheiro de lutas para chegar até aqui, Josevaldo.

Agradeço a Eugênia pelo carinho e paciência para orientar e todo trabalho que ela teve para estarmos hoje aqui. Agradeço a Domingos e os demais professores e funcionários.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS	10
3 PERCURSO DA PESQUISA	18
4 A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA DO CAMPO	20
4.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA ESCOLA	20
4.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS	21
4.3 O OLHAR DOS DOCENTES	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	36

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA DO CAMPO: O OLHAR DE ALUNOS E PROFESSORES

Iraci Garcias dos Santos Roriz¹

Eugênia da Silva Pereira²

RESUMO

A sociedade vive um momento marcado pelos problemas ambientais que o planeta vem enfrentando. E mediante a convivência com o descaso à preservação do Meio Ambiente, principalmente em relação a maior fonte de sobrevivência local e regional que é o Rio São Francisco, surgiu o interesse em realizar esta pesquisa, que tem como objetivo: analisar como a Educação Ambiental, é abordada na Escola Municipal Velho Chico, localizada em uma comunidade rural do município de Malhada- Ba. A pesquisa adotou a metodologia do levantamento de dados, através da aplicação de questionário para os alunos, professores e as coordenadoras pedagógicas atuantes em duas turmas (5º ano e EJA), e a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola na perspectiva de identificar as estratégias utilizadas para trabalhar a questão ambiental. Os dados obtidos foram organizados e analisados buscando compreender qual o conhecimento dos alunos sobre Educação Ambiental e Meio Ambiente, descrever a prática docente como trabalha Educação Ambiental e identificar a concepção de Educação Ambiental e Meio Ambiente dos professores e alunos. Observou-se nesse estudo, que apesar da escola não ser motivada em desenvolver a Educação Ambiental, como é proposta pela Lei nº 9.975, de 27 de abril de 1999, que trata da Educação Ambiental (EA), os docentes quando trabalham Educação Ambiental desenvolvem atividades relevantes para a aprendizagem do aluno. O estudo apontou que existe certo grau de conhecimento nas ideias dos alunos em relação a Educação Ambiental e Meio Ambiente. Nota-se a importância de trabalhar a Educação Ambiental na escola do Campo, para que o aluno venha compreender que é necessário relacionar seu cotidiano com o que se aprende na escola.

Palavras-chave: Educação ambiental. Escola do Campo. Conscientização.

1 INTRODUÇÃO

O mundo atual requer um olhar sobre concepções e práticas educacionais que adote uma postura capaz de transformar a realidade em seus diversos aspectos. É preciso buscar soluções de sustentabilidade, garantindo os princípios socioculturais, políticos e ambientais. A sociedade vive um momento marcado pelos problemas ambientais que o planeta vem

¹ Aluna de especialização em Educação do Campo pela UNEB *Campus* XII. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB-EAD. E-mail: iracijuliao@gmail.com

² Professora orientadora. Docente da UNEB, *Campus* XII. Mestre em Educação do Campo pela UFRB. E-mail: eniagbi@hotmail.com

enfrentando, transformações profundas devido ao avanço tecnológico em diversas instâncias, quais sejam: na vida política e social, na economia, na produção cultural, na ciência, entre outros campos do conhecimento. Transformações estas que auxiliam a vida humana, mas, também coloca em risco a vida do planeta.

Sendo assim, percebe-se a importância de trabalhar com Educação Ambiental em todos os espaços, sejam formais e não formais de educação. Mas, para isso é preciso que o sujeito saiba que o Meio Ambiente é parte integrante do ser humano e sua preservação é essencial para qualidade da vida na terra. A instituição de educação, juntamente com os educadores e a comunidade precisam estar atentos sobre este tema que é tão relevante para toda sociedade. É necessário que todos se unam em defesa da preservação do planeta, em especial, ao meio que é fonte de sobrevivência local, regional e planetária.

Diante disso, este trabalho parte de um contexto local, município de Malhada, Bahia, às margens do Rio São Francisco (Velho Chico)³, que é fonte de sobrevivência local e regional, sustenta a região com água para o consumo humano e as localidades ribeirinhas, além da água utilizada para consumo humano e dos animais, utiliza também a água para o plantio irrigado. E diversas famílias são sustentadas através da pesca e outras famílias se sustentam das lavouras plantadas às margens do rio, após vazão no período de estiagem.

Tratando-se das pessoas que usufrui das águas do Rio São Francisco, é perceptível a falta de conhecimento a respeito da responsabilidade que cada um tem com a preservação do Meio Ambiente. Pois, deparamos com muito lixo nas margens do rio, matas ciliares devastadas, uso intensivo de agrotóxicos nas plantações nas proximidades do mesmo, queimadas e tantas ações que contribui para a degradação do Velho Chico. Como da mesma forma tanto na cidade como nas comunidades é comum encontrar lixo exposto nas ruas juntamente com diversos materiais recicláveis, demonstrando a falta de compromisso e respeito com o Meio Ambiente.

É neste contexto que surge o interesse em pesquisar este tema no curso de Especialização em Educação do Campo, sobretudo, surge a necessidade de conhecer como a Educação Ambiental está sendo trabalhada na escola do campo? Os alunos tem consciência de

³ O rio São Francisco é um dos mais importantes cursos d'água do Brasil e da América do Sul. O rio passa por cinco estados e 521 municípios, sendo sua nascente geográfica no município de Medeiros e sua nascente histórica na serra da Canastra, no município de São Roque de Minas, centro-oeste de Minas Gerais. Dentre os municípios baianos que o rio passa, está Malhada e Carinhanha. Nesta região foi construída, em 2012, a adutora do algodão que abastece a cidade de Guanambi e região.

que é preciso preservar o Meio Ambiente hoje, para garantir a sobrevivência da geração de amanhã? Como é vista a Educação Ambiental pelos docentes e discentes da escola do campo em uma comunidade rural do município de Malhada, que recebe alunos de várias comunidades que utilizam a água do Rio São Francisco?

É importante destacar que a água do Rio São Francisco chega em cidades a mais de cem quilômetros de distância do Rio para beneficiar as mineradoras, mas não chega nas torneiras das casas de muitas famílias que moram a menos de cinco quilômetros do Velho Chico. A sede do município de Malhada e várias comunidades se localizam as margens do Rio. Porém, a maior parte do município fica distante, e todas as comunidades dependem da água do Velho Chico para beber. Mas, nem todas são contempladas com água doce e potável, para muitos a água chega através de carros pipa, já outros ainda consomem água salgada e sem tratamento. Isso evidencia a necessidade de discutir sobre essa temática na escola e na região, uma vez que a água é um direito de todos.

O Rio São Francisco é um dos mais importantes do Brasil pelas riquezas naturais que oferece, mas, também por sua relação histórica na construção da identidade e cultura de homens e mulheres ribeirinhos. Sendo assim, a presença marcante do Rio na vida dessas pessoas faz toda diferença na cultura que constrói a identidade desse povo.

Sabe-se que a educação tem poder para transformar a realidade da sociedade, formando cidadãos conscientes, críticos, responsáveis e capazes de pensar, refletir e tomar decisões que pode mudar a realidade em sua volta. Mas, nos interrogamos: a escola tem cumprido seu papel? Como têm sido trabalhados os conteúdos que envolvem a realidade do Meio Ambiente local?

Observamos que, muitas vezes, os conteúdos trabalhados em sala de aula não estão contextualizados com a realidade a qual a escola está inserida. Sendo assim, buscamos com este estudo responder a seguinte questão: De que forma está sendo trabalhada a Educação Ambiental na Escola do Campo, denominada de Escola Municipal Velho Chico⁴, localizada no Povoado de Julião, município de Malhada- Ba?

O presente artigo tem como principais objetivos: Identificar como a Educação Ambiental está sendo abordada na referida escola, de acordo com o estabelecido na legislação; Analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) na perspectiva de entender as estratégias

⁴ Nome fictício para preservar a identidade da escola.

utilizadas para trabalhar a questão ambiental e, por fim, conhecer a concepção de Educação Ambiental e Meio Ambiente dos professores e alunos.

O interesse em pesquisar esse tema surgiu mediante a convivência com o descaso à preservação do Meio Ambiente, em especial em relação ao Rio São Francisco, nosso querido Velho Chico, o grande provedor da região. Também, por trabalhar em uma escola do campo e ver todos os dias a falta de respeito e compromisso com a preservação com o meio em que vivem, por parte dos professores, alunos e a população em geral.

Quando no dia a dia deparamos com muito lixo jogado nas salas no período de aula, da mesma forma o lixo das residências é colocado nas ruas de maneira inadequada, por exemplo: depois da coleta do lixo feita pela administração pública; o desperdício de água também é perceptível e tantos outros problemas ambientais causados por essas pessoas, que, na verdade, deveriam ter conhecimento, que devemos cuidar bem do Meio Ambiente para melhorar a qualidade de vida do ser humano, que é parte integrante do mesmo.

Diante de tudo isso, como sou⁵ uma ribeirinha nata, e todas minhas atividades estão relacionadas diretamente a escola do campo e ao campo, tal situação tem muito me incomodado. Nasci no campo em uma localidade bem próxima do Velho Chico, cresci ali, onde todo o sustento da família era proveniente do Rio. Como até os dias atuais dependemos muito do mesmo. Observando a realidade, senti a necessidade de investigar como está sendo trabalhada a Educação Ambiental e o Meio Ambiente na Escola Municipal Velho Chico, da qual eu faço parte, onde trabalho como auxiliar de nutrição. É nessa escola onde as crianças da comunidade e comunidades circunvizinhas iniciam sua trajetória escolar.

Assim, este estudo parte da abordagem qualitativa de pesquisa, entendendo a importância de se dialogar com os sujeitos participantes e com eles responder a questão proposta. O levantamento de dados foi realizado através de questionários respondidos pelos alunos do 5º ano do ensino fundamental e com os alunos de uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) II Segmento. Também entrevistamos professores e coordenadoras pedagógicas atuantes nas turmas pesquisadas. Além do questionário, foi também analisado o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. O questionário buscou conhecer como está sendo trabalhada a Educação Ambiental na escola pesquisada, bem como, qual o

⁵ Nos colocamos no decorrer do texto como sujeitos coletivos, envolvendo pesquisadoras, e participantes e autores estudados, no entanto, faz-se necessário identificar aqui de onde venho enquanto sujeito individual que se constrói no coletivo, por isso, uso a primeira pessoa neste caso.

conhecimento dos alunos sobre Educação Ambiental e preservação do Meio Ambiente. Na análise do PPP procuramos identificar se há coerência entre o que se diz e o que faz em relação as questões ambientais. Após a coleta, os dados foram analisados e organizados, demonstrando as respostas dos alunos, professores juntamente com as coordenadoras.

Para organização e análise desses dados, consideramos necessário discutir sobre a relação da Educação do Campo com a Educação Ambiental enquanto temática central do estudo. Por isso, o texto está estruturado inicialmente nessa discussão, posteriormente é que trazemos os dados da pesquisa de campo e por fim, as considerações finais.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

A educação é um direito de todos, garantida pela constituição brasileira. Porém, por muito tempo, uma parcela da sociedade teve esse direito negado e muitos ainda tem. Os sujeitos que vivem no campo e sobrevive das atividades rurais, historicamente, não foram vistos como sujeito digno de usufruir desses direitos. E, a educação ofertada não era (não é) pensada para essa gente e por longas décadas, o povo do campo para ter acesso a escola era preciso deixar o campo, sua cultura, seus saberes e sua própria identidade e passar a conviver com uma realidade bem distante da sua. Segundo Arroyo (2004, p. 79),

A cultura hegemônica trata os valores, as crenças, os saberes do campo de maneira romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos. Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos, como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado. Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção. Uma experiência humana sem mais sentido, a ser superada pela experiência urbano-industrial moderna. Daí que as políticas educacionais, os currículos são pensados para a cidade, para a produção industrial urbana, e apenas se lembram do campo quando se lembram de situações “anormais”, das minorias, e recomendam adaptar as propostas, a escola, os currículos, os calendários a essas “anormalidades”. Não reconhecem a especificidade do campo.

Conforme nos aponta o autor, a escola ao longo do tempo negou a identidade dos sujeitos do campo ou os tratou de forma estereotipada. Ao tratar do lugar desses sujeitos dentro e fora da escola é preciso pensar na discussão do que entendemos por Educação Ambiental também, pois a cultura, o ambiente, o contexto socioeconômico e político é preciso ser considerado e respeitado pela escola do campo.

A Educação do Campo teve início no ano de 1980, graças as lutas e os questionamentos dos movimentos sociais do campo. Entre eles, o movimento dos trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra, o MST, que tem lutado pelo direito à terra e também pela educação. Ainda assim, as escolas permaneciam (permanecem) centradas num modelo de educação que desconsidera o contexto dos sujeitos. Segundo Fernandes, Cerioli e Caldart (2009. p. 23):

[...]. A educação do campo precisa ser uma educação específica e diferenciada, isto é, alternativa. Mas, sobretudo deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz.

Importante destacar que os autores e o Movimento Por Uma Educação do Campo lutam pela especificidade, mas quer garantida também os conhecimentos produzidos pela humanidade. Ou seja, a escola precisa partir do contexto local, mas relacionar a realidade planetária, de modo que o aluno compreenda a totalidade da sociedade em que vive. Essa relação precisa ser considerada como prioritária na Educação Ambiental, uma vez que o sujeito não existe isolado no seu lugar de origem, ele estabelece relações com o meio natural e social, bem como com os demais seres.

O lançamento do Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária, em 1998, demonstra o fortalecimento da Educação do Campo na política educacional; demonstra a força dos movimentos sociais, conquistada pelo acúmulo de experiências e conhecimentos na área. O marco da inserção da Educação do Campo na agenda política e na política educacional pode ser indicado a partir da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9394/96, ao afirmar, em seu artigo 28, a possibilidade de adequação curricular e metodologias apropriadas ao meio rural; flexibilizar a organização escolar, com adequação do calendário escolar.

Apesar de hoje entendermos que adequação é manter a mesma lógica da educação rural e da escolinha rural sem identidade de Escola do Campo, compreendemos esse artigo como um avanço naquele momento de aprovação da nova LDB, pois minimamente se falou de escola e sujeitos do campo. Todavia, no contexto atual, reafirmamos que adequação não basta, pois precisamos de reestruturação física e pedagógica para garantir uma escola de qualidade.

Após muitas lutas, em 2002, houve a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, destacando que:

A educação do campo tratado como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caiçaras, ribeirinhos e extrativistas. O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não-urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações de sociedade humana. (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004, p. 176).

A definição das diretrizes ressalta mais uma vez a importância da relação entre Educação Ambiental e Educação do Campo, pois a Resolução CNE/CEB 1/2002 que institui Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo, considera os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura e ainda inclui os espaços pesqueiros, extrativistas, ribeirinhos e caiçaras. Sendo assim, o campo passa a ser considerado como um espaço de inter-relação entre os seres humanos e as práticas que constroem e reconstróem condições específicas da sua existência social perpassada pela dimensão humana, entendendo que as diretrizes são subsídios que devem ser usados na construção de uma proposta pedagógica que de fato contemple os povos do campo. Segundo Fernandes, Cerioli, Caldart, (2004, p.53), a Educação no Campo seria:

Aquela que trabalha os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologias na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário desta população.

Assim, as dimensões reafirmam novamente a relação dialética com a Educação Ambiental. Em 2008, foi aprovada a Resolução nº 2 (CNE/CEB, 2008) que estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo e esta estabelece ações de Educação do Campo no sentido de garantir a participação das comunidades no contexto da escola.

Posteriormente, o Decreto nº 7352/2010, surge em resposta às demandas sociais em nome de uma Educação do Campo que esteja de acordo com a realidade do povo camponês, ao instituir a política de Educação do Campo e o Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária, o PRONERA. Importante considerar que esse Decreto acaba evidenciando uma

política de Educação do Campo desde a Educação Básica, ou seja, da Educação Infantil ao Ensino Médio, até o Ensino Superior.

Neste mesmo período de luta pela Educação do Campo, bem como anterior a ele, identificamos a reivindicação dos movimentos sociais e ambientalistas para a garantia de políticas públicas que defendam a Educação Ambiental. Por isso, discutiremos sobre as conquistas da Educação Ambiental, os marcos legais que garantem o trabalho com a Educação Ambiental na escola e fora dela.

Na década de 1970 aconteceu um crescimento significativo dos movimentos ambientalistas, onde a expressão “Educação Ambiental” passou a ser usada como suporte de universidades, escolas, organizações e instituições governamentais, que buscavam conscientizar a sociedade para os problemas ambientais. No ano de 1972, a Educação Ambiental alcança maior projeção com a Conferência da ONU sobre o Ambiente Humano – Estocolmo (72). Outra conferência em Belgrado (Iugoslávia) onde foram formulados alguns princípios básicos para um programa de EA, em 1975 promovida pela UNESCO; a Conferência de Chosica (Peru) realizada no âmbito da América Latina em 1976.

A partir de então, vários congressos nacionais e internacionais reafirmaram a importância da Educação Ambiental para conscientização e mudanças de relações entre o Meio Ambiente e a sociedade. Dentre os congressos internacionais, destaca-se a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental que ocorreu na cidade de Tbilisi, na antiga União Soviética, no ano de 1977.

No Brasil, a Educação Ambiental e a consciência de necessidade da preservação do Meio Ambiente, se intensifica a partir de meados da década de 1980, quando ocorreram os primeiros encontros nacionais e organizações ambientalistas para tratar de assuntos voltados ao Meio Ambiente. Antes disso, os recursos naturais eram considerados bens inesgotáveis, sem a preocupação em preservar o meio.

Antes da promulgação da Constituição de 1988, percebe-se que a política ambiental brasileira foi gerida de forma centralizada, sem participação popular na definição de suas diretrizes e estratégicas da Lei Federal nº 6.938, de 31/08/81, que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente. Segundo Reigota (1994, p. 51),

A Educação Ambiental, oficial, desse período, é importante somente como referência histórica. Independente do governo da época, uma consciência ambiental crítica surge no Brasil, acompanhando o que estava acontecendo

em outros países. Como consequência, a EA começa a ser realizada timidamente por pequenos grupos e pessoas isoladamente, em escolas, parques, clubes e associações de bairro.

É a partir dessas ações em espaços formais e não formais que a Educação Ambiental vai conquistando espaço. É perceptível que começa a ocorrer movimentos de conscientização para o fato de que os recursos não são inesgotáveis, como se acreditava ou disseminava durante muito tempo.

No ano de 1992 ocorreu na cidade do Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade (ECO-92). Paralelamente à ECO-92, ocorreu também no Rio de Janeiro, o Fórum Internacional de Organizações Não Governamentais e Movimentos sociais, evento esse, que reuniu entidades da sociedade civil de todo mundo, e entre os vários documentos produzidos, destaca-se o Tratado de Educação Ambiental para as sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, que enfatiza o carácter emancipatório e crítico da Educação Ambiental entendendo-a como instrumento de transformação social.

No ano de 2012 aconteceu também no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o desenvolvimento Sustentável, também chamado de Rio+20, realizado justamente 20 anos após a ECO-92.

A aprovação da Lei nº 9.795, de 27.4.1999 e do seu regulamento, o Decreto nº 4.281, de 25.6.2002, estabelecendo a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), trouxe grande esperança, especialmente para os ambientalistas e professores, pois muitos já trabalhavam Educação Ambiental, independente de haver ou não um marco legal. Entretanto, o exercício da Educação Ambiental segundo a lei mencionada é definido como “os processos por meios dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a construção do Meio Ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e à sustentabilidade”, se fazendo necessária como meio indispensável para conseguir criar e desenvolver formas mais sustentáveis de intervenção do ser humano com a natureza e também para buscar soluções para os problemas ambientais (BRASIL, 1999).

Não há como fugir do compromisso que todos os cidadãos têm com o meio ambiente. No que tange o compromisso da escola de contribuir para melhoria da Educação como um todo, especialmente à Educação Ambiental não apenas como uma obrigação legal, mas uma postura ética. A responsabilidade escolar neste processo é essencial, pois precisamos construir uma geração de pessoas que entendam afetivamente o meio onde estão inseridos. (DOWBOR, 2007, p.88).

Neste aspecto, observamos como é preciso diálogos entre a Educação do Campo e da Educação Ambiental, uma vez que as duas falam de considerar o meio em que o sujeito está inserido, bem como as pessoas que estão envolvidas. Para haver preservação ambiental, é preciso que o ser humano compreenda que ele é parte integrante do Meio Ambiente, e precisa preservá-lo, pois dele resulta sua sobrevivência.

Segundo Carvalho (2006), a Educação Ambiental é conteúdo e aprendizado, é motivo e motivação, é parâmetro e norma. Vai além dos conteúdos pedagógicos, interage com o ser humano de forma que a troca seja uma retro alimentação positiva para ambos. E para que o respeito seja o primeiro sentimento motivador das ações, é preciso que a escola mude suas regras para se fazer Educação Ambiental de uma forma mais humana.

Educação Ambiental é dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental. Essa atividade exige sistematização através de metodologia que organize os processos de transmissão/apropriação crítica de conhecimentos, atitudes e valores políticos, sociais e históricos. Assim, se a educação é mediadora na atividade humana, articulando teoria e prática, a educação ambiental é mediadora da apropriação, pelos sujeitos, das qualidades e capacidades necessárias para a ação transformadora responsável diante do ambiente em que vivem. Podemos dizer que a gênese do processo educativo ambiental é o movimento de fazer-se plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens no ambiente (TOZONI-REIS, 2004, p.147).

É importante refletir sobre esse papel da educação enquanto prática transformadora, seja no contexto da discussão ambiental, seja na escola que trabalha com os sujeitos do campo. Conforme Saviani (2011), a função social da escola é fazer com que as pessoas tenham acesso ao conhecimento historicamente sistematizado pela humanidade. Ou seja, é preciso que as instituições escolares, no campo, na cidade, na periferia ou qualquer contexto parta da realidade dos educandos, mas acima de tudo, contribua para o pensamento crítico.

A Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), instituída pela Lei no 9.795/1999, aponta, em seu artigo 5º, entre os objetivos fundamentais da Educação Ambiental, o incentivo à participação individual e coletiva na preservação do equilíbrio ambiental e a defesa da qualidade ambiental como um valor inerente ao exercício de cidadania (BRASIL, 1999). Nesta perspectiva, Tozoni-Reis (2004, p. 13) afirma que:

A Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória têm como ponto de partida a ideia de que a prática social é construída e construtora de humanidade, isto é, é construída pelas relações sociais de produção da vida social, contribuindo na construção dessas mesmas relações. A formação humana plena na perspectiva de superação radical da alienação, da exploração do homem pelo homem e da exploração da natureza pelos seres humanos, exige um processo educativo que garanta condições concretas para uma prática social ambiental transformada e transformadora.

Assim, a Educação Ambiental precisa ser trabalhada em todos os espaços educativos e com todos os sujeitos para acelerar o processo de conscientização e para transformar a realidade. Sendo assim,

A Educação Ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social, capaz de transformar costumes e atitudes, construindo novos hábitos e conhecimentos, defendendo uma nova ética que sensibilize e conscientize na formação da relação integrada do ser humano, da sociedade e da natureza, aspirando ao equilíbrio local e global, como forma de melhorar a qualidade de todos os níveis de vida (CARVALHO, 2006, p. 54).

Reigota (1994) afirma que: “Educação Ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”. Ter a Educação Ambiental como ato político é extremamente necessário para concretização de uma educação emancipatória e transformadora. O Parecer CNE/CP nº 8, de 6 de março de 2012, vem dizer que:

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica em todas as suas etapas e modalidades reconhecem a relevância e a obrigatoriedade da Educação Ambiental: E estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos incluindo os direitos ambientais no conjunto dos internacionalmente reconhecidos, e define que a educação para a cidadania compreende a dimensão política do cuidado com o meio ambiente local, regional e global (BRASIL, 2012).

Segundo Faria (2015), a Educação Ambiental tem o importante papel de fomentar a percepção da necessária integração do ser humano com o Meio Ambiente, e este vinculado à Educação no Campo. Uma relação consciente do equilíbrio dinâmico na natureza, que possibilite, por meio de novos conhecimentos, valores e atitudes, a inserção do educando e do educador como cidadãos no processo de transformação do atual quadro ambiental do nosso planeta.

A escola é um espaço privilegiado para estabelecer conexões e informações, como uma das possibilidades para criar condições e alternativas que estimulem os alunos a terem concepções e posturas cidadãs, cientes de suas responsabilidades e, principalmente, perceberem-se como integrantes do meio ambiente. A educação formal continua sendo um espaço importante para o desenvolvimento de valores e atitudes comprometidas com a sustentabilidade ecológica e social (LIMA, 2004, p. 30).

Assim, o Programa de Educação Ambiental do Sistema Educacional da Bahia (ProEASE), vem cumprir esses objetivos, ao considerar no artigo 17, que a Educação Ambiental no Ensino Formal é aquela desenvolvida no âmbito das instituições públicas, privadas e comunitárias de ensino, englobando: I- Educação Básica: Educação Infantil; Ensino Fundamental; Ensino Médio; II- Educação Superior: graduação. III- Educação Especial; IV- Educação Profissional; V- Graduação; Pós Educação de Jovens e Adultos, VI- Educação para o Idoso; VII- Educação Indígena, VIII- Educação Quilombola; IX- Educação do Campo. (BAHIA, 2015).

Reigota (1994) assim como os demais autores e alguns documentos que discutimos anteriormente, considera a Educação Ambiental, acima de tudo, como uma educação política, que prepara o cidadão para a autogestão e para a reivindicação de justiça social e de ética nas relações humanas e com a natureza. O primeiro passo para isso, segundo o autor, é o conhecimento das concepções de Meio Ambiente das pessoas envolvidas no processo.

Para muitos professores, pais, alunos etc., a Educação Ambiental só pode ser feita quando se sai da sala de aula e se estuda a natureza tal qual ela é. Esta é uma atividade pedagógica muito rica de possibilidades, mas corre-se o risco de tê-la como única atividade possível, quando na verdade é apenas mais uma (REIGOTA, 2006). O autor afirma ainda que:

A educação Ambiental correu o risco de se tornar, por decreto uma disciplina obrigatória no currículo nacional; mas com que os burocratas e oportunistas de plantão não contavam, era encontrar a resistência de profissionais mais conhecedores da área, o que evitou que a mesma se tornasse mais uma banalidade pedagógica, perdendo todo o seu potencial crítico e questionador a respeito das nossas relações cotidianas com a natureza, artes, conhecimento, ciência, instituições, trabalho e com as pessoas que nos rodeiam (REIGOTA, 1998, p. 44).

Nesse sentido, a Educação Ambiental é para ser trabalhada juntamente com as demais disciplinas e não isoladamente. Por isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a trazem como tema transversal no currículo escolar. Assim como também é proposta para estar

inserida em todos os níveis e modalidades de ensino. A Educação Ambiental tem um sentido muito mais amplo, e muitas vezes não é compreendido pela sociedade em geral.

Olhar a escola como um lugar de formação humana significa dar-se conta de que todos os detalhes que compõem o seu dia-a-dia, estão vinculados a um projeto de ser humano, estão ajudando a humanizar ou a desumanizar as pessoas. Quando os educadores se assumem como trabalhadores do humano, formadores de sujeitos, muito mais do que apenas professores de conteúdos de alguma disciplina, compreendem a importância de discutir sobre suas opções pedagógicas e sobre que tipo de ser humano estão ajudando a produzir e a cultivar (ARROYO; CARLDART; MOLINA, 2008, p.120).

A escola é local de formação humana, não somente para aprender ler, escrever e fazer cálculos, mas também para interpretar a realidade a qual o indivíduo está inserido. A escola tem a responsabilidade de libertar o ser humano, formando cidadãos críticos, livres pensadores, capazes para tomar decisões próprias e responsáveis para arcar com suas consequências. Assim, discutiremos a seguir como tem sido esse trabalho no contexto da escola pesquisada, analisando as falas dos participantes e o PPP da escola.

3 PERCURSO DA PESQUISA

Este estudo parte da abordagem qualitativa por buscar compreender qual é o olhar de alunos e professores sobre o trabalho com Educação Ambiental na escola. Utilizamos de questionários semiestruturados, contendo perguntas para respostas abertas e também perguntas para respostas fechadas, com questões que envolvem problemas ambientais e a educação ambiental. O primeiro questionário (Apêndice A) foi direcionado aos alunos do 5º ano do ensino fundamental I e aos alunos do 8º/9º ano da EJA segmento II. Os critérios de escolha destas turmas se justifica pelo fato da EJA ser a única turma existente na escola, quanto ao 5º ano a escolha se deu pela professora ser residente na própria comunidade. O segundo questionário (Apêndice B) direcionado aos docentes e coordenadoras das áreas de ensino, das duas turmas.

A Escola Municipal Velho Chico, é mantida pela Prefeitura Municipal de Malhada e pelos recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação (FNDE), administrada pela Diretora Vitória Régia⁶, (mandato de 2018 a 2020). Localizada em uma comunidade rural de Malhada- Bahia. A referida escola é de médio porte com mais de 500 alunos. A mesma funciona durante os três turnos, com as seguintes modalidades de ensino: Educação

⁶ Os nomes dos participantes são fictícios e estão relacionados com elementos que tem relação com o rio e com as águas. Neste caso, uma planta.

Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos (EJA) Segmento I e II. Além disso, a escola possui mais dois anexos, localizados em outros pontos do mesmo povoado. A Escola Municipal Velho Chico, está localizada no campo, também é informada no senso escolar como Escola do Campo. No entanto, ao analisar o Projeto Político Pedagógico não identificamos características que constitui a identidade de uma Escola do Campo. De acordo o decreto nº 7.352/2010, dentre os princípios da Educação do Campo estão: a “valorização da identidade da Escola do Campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo”.

Para a realização desse estudo foi realizada uma primeira visita á Escola Municipal Velho Chico. O objetivo da visita foi a realização de uma reunião com a diretora e as coordenadoras do ensino fundamental I e da Educação de Jovens e adultos (EJA) Segmento I e II, em que foi exposto a proposta da pesquisa realizada, a qual estava centrada na aplicação de dois questionários sobre Educação Ambiental e a preservação do Rio São Francisco. Um questionário foi para os alunos do 5º ano do fundamental I e 8º/9º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Segmento II, e o outro para os docentes e coordenadoras das referidas turmas.

Nesta primeira visita foi colocado em discussão o cronograma das atividades planejadas, ficando acertados os horários dos próximos encontros com as turmas participantes da pesquisa. Além disso, neste momento foi solicitada a análise de alguns documentos da referida escola, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), por exemplo, a fim de investigar se em alguns desses documentos trazia o tema Educação Ambiental como prática, assim, nesse mesmo dia, pode-se analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

O contato com os alunos e os professores se deu em duas etapas. A primeira com os alunos do 5º ano A, do período matutino; e a segunda com os alunos do 8º/9º ano do período noturno da EJA. No primeiro encontro com os alunos e as professoras, foi falado sobre a pesquisa e como seria a aplicação dos questionários.

No segundo encontro, realizado nas salas das turmas que participaram da pesquisa, foram entregue os questionários. Sendo que, cada turma em seus respectivos horários. Os questionários destinados aos professores e coordenadoras da escola foram aplicados, respeitando a disponibilidade de tempo de cada um que participou da pesquisa. Desse modo, os questionários foram respondidos no período correspondente a junho a julho de 2018. Após a aplicação dos questionários, os dados foram analisados, conforme organização a seguir.

4 A PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA DO CAMPO

4.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP) DA ESCOLA

Analisando o PPP da escola, foi observado que o tema “Educação Ambiental” não é mencionado. Em seu texto menciona apenas Meio ambiente como tema definido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que pode ser particularizados ou especificados a partir do contexto da escola, que pode ser articulado com todas as áreas de conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física, etc...), como transversalidade e Interdisciplinaridade. Sendo assim, definido para todas as séries e etapas da educação oferecida pela escola. Ao mesmo tempo que há uma coerência com a proposta da transversalidade, percebemos que há ausência de ações e propostas para desenvolver o trabalho.

Observa-se também, que mesmo quando trata do tema Meio Ambiente, nas disciplinas especificadas, não encontramos conteúdo referente ao Rio São Francisco. Nesse caso, percebe-se que a Educação Ambiental pensando o âmbito local, ainda não está na proposta pedagógica dessa escola. Sendo que para a Educação do Campo essa ideia é ainda mais pertinente, porque o indivíduo está em contato direto com o meio natural, sendo necessário o desenvolvimento de uma Educação Ambiental, que promova a aprendizagem e valorize os diversos conhecimentos.

Jacobi (2003, p. 10) propõe que a Educação Ambiental deve ser vista como um processo de permanente aprendizagem que valoriza as diversas formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária.

A apresentação de temas ambientais no ensino primário deveria se fazer com ênfase em uma perspectiva de educação geral, dentro do marco, por exemplo, das atividades de iniciação e junto com as atividades dedicadas à língua materna, à matemática ou a expressão corporal e artística. O estudo do meio ambiente deve recorrer aos sentidos das crianças (percepção do espaço, das formas, das distâncias e das cores), e fazer parte das visitas e jogos. O estudo do entorno imediato do aluno (casa, escola, caminho, entre ambos) reveste-se de muita importância (DIAS, 1992 p. 212).

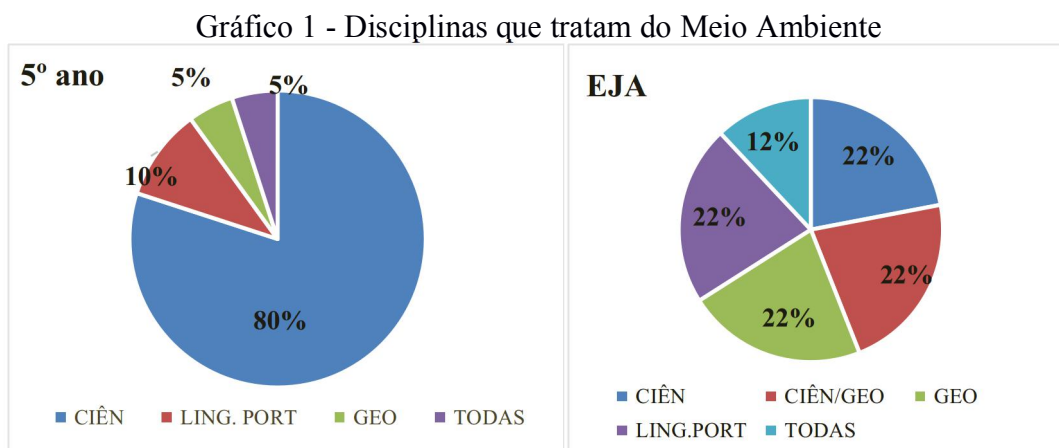
Assim, compreendemos que faz-se necessário a inserção da Educação Ambiental na proposta pedagógica da escola.

4.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS

No total foram aplicados questionários para 15 alunos do 5º ano do ensino fundamental I, e 9 alunos do 8º/9º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) Segmento II, que corresponde ao ensino fundamental II, e um outro questionário para 5 professores e 2 coordenadoras atuantes nas turmas pesquisadas. Para cada questão contida nos questionários (dez questões nos questionários dos alunos e dez questões nos questionários dos professores) foi gerado um gráfico contendo as respostas dos participantes da pesquisa. As respostas semelhantes foram agrupadas e, a partir daí, analisadas a partir do referencial que deu base ao estudo.

Inicialmente questionamos: “Em sua escola, você estuda sobre Meio Ambiente?”. As respostas foram quase todas sim. Apenas um aluno do 5º ano foi contrário a resposta dos demais. A partir das falas, percebemos que os professores tem abordado em suas aulas o tema Meio Ambiente.

Em seguida, perguntamos quais disciplinas das que eles estudam trata do Meio Ambiente e de sua preservação. Diferente da primeira questão obtiveram-se várias respostas. Os do 5º ano apontaram a disciplina de Ciências como a que trata mais do Meio Ambiente, seguida a disciplina de Língua Portuguesa, depois Geografia e outros marcaram todas as disciplinas. (gráfico 1 5º Ano); Já os alunos do 8º/9º ano, responderam de maneira equilibrada que a questão do Meio Ambiente é abordada na disciplina de Ciências, Ciências e Geografia, Geografia, Língua Portuguesa e todas (gráfico. 1 EJA). Nesse caso, a preservação do Meio Ambiente não aparece nas disciplinas de matemática do 5º ano, nem Matemática, Redação e Inglês do 8º/9º EJA.



Elaborado pela autora.

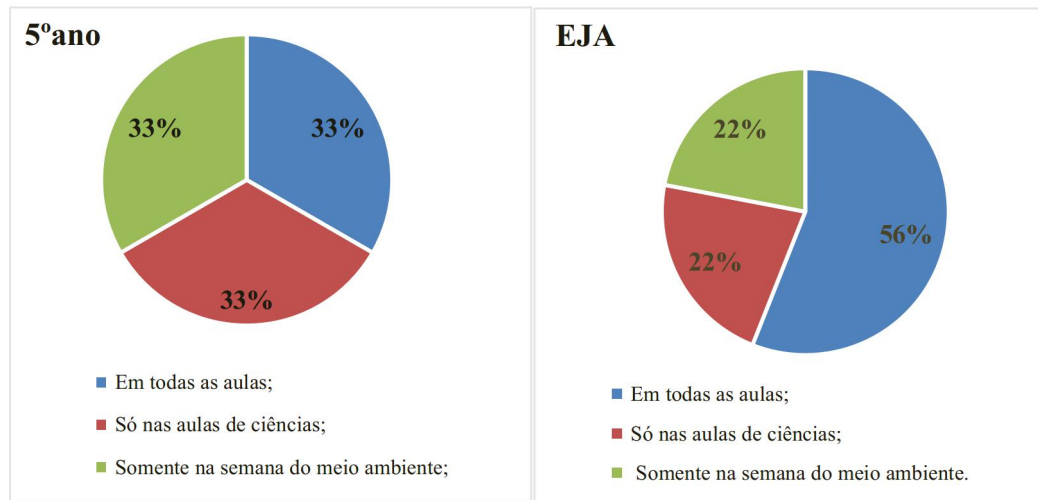
Como a escola pesquisada, é uma escola do campo, entendemos que trabalhar Educação Ambiental e Meio Ambiente proporciona ao professor diversas possibilidades para o desenvolvimento de atividades da disciplina de Matemática, como também das demais disciplinas inseridas no currículo da escola. Os dados revelam o que Medeiros et al, (2011, p.04) aponta: “A temática ambiental em muitas instituições de ensino é abordada nas disciplinas de Geografia e Ciências, quando na verdade, deveria ser trabalhada em todas as disciplinas ministradas em sala de aula”.

Outra questão levantada foi sobre a importância do Meio Ambiente para os estudantes. Pode-se observar nessa questão que todos o compreendem como importante e que é preciso falar sobre o Meio Ambiente na escola. Eles trazem em suas falas o porque é importante falar sobre o Meio Ambiente: “É importante porque assim, aprendemos a cuidar melhor dele” (Peixinho Dourado), “ Porque dependemos dele para sobreviver” (Surubim). Aqui retomamos as ideias de Reigota quando fala da importância de se trabalhar a percepção do Meio Ambiente na escola.

Segundo Medeiros, et al , (2011, p. 9): Os professores, devido a sua posição de líderes podem contribuir com o aprendizado sobre o Meio Ambiente desde as séries iniciais despertando no alunado o gosto e a paixão pela natureza, assim se consegue desenvolver as habilidades de observar, analisar, comparar, criticar, criar, recriar e elaborar. Percebe-se que os alunos tem interesse em aprofundar mais seus conhecimentos sobre a Educação Ambiental e Meio Ambiente, pois há maiores possibilidades de incluir os conteúdos que falam da realidade deles.

Posteriormente, perguntamos “Quando os professores fala sobre o meio ambiente e a importância de preservá-lo?”, as duas turmas se dividiram em três grupos de respostas iguais. A turma do 5º ano, cinco alunos assinalaram a opção “Em todas as aulas”, cinco alunos marcaram a opção, “Só nas aulas de Ciências”, e outros cinco afirmaram “Somente na semana do Meio Ambiente”. Enquanto isso, os alunos do 8o/9o ano da EJA, também se dividiram em três grupos de respostas. A diferença foi que entre os nove alunos que responderam o questionário, cinco afirmaram que a questão é falada em todas as aulas, dois alunos assinalaram a opção “Só nas aulas de Ciências” e outros dois opinaram pela alternativa “Somente na semana do Meio Ambiente”, como pode ser observado abaixo:

Gráfico 2 - Momentos do trabalho com EA



Elaborado pela autora.

Marson et al. (2011) acredita que a grande maioria dos professores tem uma visão conservadora e reducionista sobre a Educação Ambiental e Meio Ambiente, onde trabalham apenas com preservação ambiental e reciclagem, realizando atividades de Educação Ambiental apenas em datas comemorativas, como dia do Meio Ambiente ou dia da árvore. Os PCN's tratam a temática Educação Ambiental e Meio Ambiente como temas transversais e interdisciplinares, que deve ser trabalhados em todas as disciplinas curriculares.

Também questionamos sobre a compreensão de Meio Ambiente. Pode-se observar que os dois grupos de certa forma já possuem um conceito formado sobre Meio Ambiente. Pois, dentre os 15 alunos do 5º ano que foram entrevistados, cada um deu sua opinião. Os alunos do 8º/9º ano deram respostas mais concretas. “Tudo aquilo que nos cerca, como a água, o solo, a vegetação, os animais e os seres humanos”. (Peixe Piau); “Os bichinhos, as planta e as pessoas” (Peixinho Bago); “os animais e as matas” (peixinho Matrinxã); “Meio Ambiente são os rios, matas, animais, as pessoas e tudo que existe”. (Peixe Traíra). Travassos (2004) defende que na escola é necessário desenvolver o hábito de entender o Meio Ambiente como um todo, e não fragmentá-lo; devemos nos atentar que tanto o meio em que vivemos quanto o intocado pelo homem faz parte do Meio Ambiente. De certa forma, esses alunos, possuem uma definição de Meio Ambiente que será aperfeiçoado com mais estudos sobre o tema.

Incluímos no questionário uma questão para saber se conheciam o Rio São Francisco e dentre todos o alunos das duas turmas entrevistadas, apenas 1 aluno do 5º ano respondeu

“Não conhece, nem nunca ouviu falar sobre o Rio São Francisco”. Esse fato nos deixou intrigada, pois, não é comum encontrar em nosso povoado e comunidades circunvizinhas pessoas que não conheça ou não ouviu falar do Velho Chico, uma vez que o mesmo está nos quintais de muitas casas.

A outra questão, indagava “Para você, o Rio São Francisco é parte do meio ambiente?”. Quase todos os alunos das duas turmas responderam que sim. Novamente o mesmo aluno que na questão anterior disse que nunca ouviu falar do rio, respondeu que para ele o rio não é parte do Meio Ambiente.

Prosseguindo com as questões, perguntamos se é importante preservar o Rio São Francisco, todo Meio Ambiente e por que. Os alunos demonstram tem consciência da importância do Rio para nossa região, e também da necessidade de preservá-lo. Eles reconhecem muito bem que o ato de preservação é responsabilidade de cada um e que sem ele, é impossível à sobrevivência dos ribeirinhos e toda a região. Dentre as falas, destacamos “o Rio trás muitas riquezas” (Peixinho Bago) “porque se não preservar o rio fica poluído e não poderemos tomar banho, nem beber”(peixinho dourado); “porque sobrevivemos por meio do Rio São Francisco e é importante preserva-lo para nós continuarmos sobrevivendo” (Peixinho Mandim). Percebemos que o Rio é a identidade desses alunos, é um meio de sobrevivência e isso precisa ser trabalhado pela escola. De acordo o Peixe Surubim: “O Rio São Francisco é muito importante para nossa região. De lá tiram o sustento muitos ribeirinhos, como a pesca, muitos planta para poder alimentar os seus filhos. Por isso, é muito importante para nossa região”. Já peixe Traíra, afirma ser importante a preservação do Rio São Francisco, pois “os ribeirinhos tem que parar de desmatar a margens do rio, parar de jogar lixo e parar com a retirada de areia do rio etc”.

Em seguida, questionamos sobre a importância do Rio São Francisco para nossa região. Os dois grupos deram respostas semelhantes, todos reconhecem essa importância. Para justificar a afirmativa, os alunos do 5º ano ressaltaram que rio é importante para região no abastecimento de água para o consumo humano e dos animais. Já os alunos do 8º/9º ano acrescentaram mais em suas justificativas, dizendo que além do abastecimento de água para consumo humano e animal, o rio também fornece água para o plantio de alimento e a pesca e que também é fonte de renda para região.

Na última questão, “Como podemos preservar o Rio São Francisco e todo o Meio Ambiente?”. Todos os alunos dos dois grupos responderam positivamente a pergunta. A

maioria dos alunos do 5º ano, responderam que podem preservar o Rio São Francisco e todo Meio Ambiente não jogando lixo em qualquer lugar e não desmatando as florestas. Outros falaram que economizando água também é uma maneira de preservação. Os alunos do 8º/9º ano, falaram que evitando jogar o lixo no rio, nas ruas, praias e em lugares que não seja no lixo, do desmatamento, das queimadas, da pesca fora de época e do desperdício de água.

Atualmente, vem sendo discutido muito a questão ambiental, como a poluição dos rios, o lixo, o desmatamento, entre outros. Ainda assim, é pouco trabalhado pelas escolas a preservação dos rios e o Meio Ambiente em geral. É necessário que a população em geral se conscientize do seu papel na proteção do Meio Ambiente. Para Gonçalves e Cruz-Silva, assim sendo, “a melhor forma de Conscientizar a população é começar com os nossos alunos, que ainda estão com as ideias em formação”.

5 O OLHAR DOS DOCENTES:

Buscamos traçar um perfil dos professores e coordenadores entrevistados para análise da formação e atuação. Podemos observar que apenas um professor tem formação somente em magistério. Os demais além do magistério, possuem também ensino superior, como pode ser identificado na tabela abaixo.

TABELA 1- formação e atuação dos professores e coordenadores

PROFESSORES	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO
Professora Taboa	Magistério, Pedagogia e Ciências Biológicas	5º Ano
Professor Alecrim	Magistério	Matemática e Ciências
Professora Orelha de Onça	Magistério e Pedagogia (cursando)	Português e Redação
Professor Mangue	Magistério e Historia	Geografia e Inglês
Professor Junco	Magistério, Normal Superior e Complementação em Pedagogia	Historia e Artes
Coord. Alface-d’agua	Magistério, Normal Superior e Complementação em Pedagogia	Coord. do ensino fundamental I

Coord. Lentilha d'água	Magistério, Letras com Inglês	Coord. da EJA
------------------------	-------------------------------	---------------

A escola pesquisada tem em seu quadro de professores mais de 95% de profissionais com ensino superior, isso significa que todos que passaram pela graduação espera-se que tenham adquirido informações sobre a importância de trabalhar Educação Ambiental em todas as etapas da educação.

o questionamento, a depuração e evolução de conceitos, teorias e métodos das ciências/disciplinas e a abertura de seus objetos de interesse a uma perspectiva ambiental, interdisciplinar, transdisciplinar e complexa; a redefinição dos perfis profissionais e dos currículos (em seus conteúdos, formatos e práticas), com a previsão de novos espaços e oportunidades de formação discente e docente; a reformulação dos conhecimentos e saberes dos docentes/pesquisadores (e sua integração em uma formação interdisciplinar), bem como dos valores inerentes à ação formativa; a construção e aplicação de critérios e indicadores ambientais que permitam acompanhar e/ou redirecionar as atividades de gestão/administração das Instituições de Ensino Superior (IES) (PAVESI; FARIAS; OLIVEIRA, 2006, p. 1).

Considerando que a Universidade tem por finalidade formar profissionais para atender as demandas da sociedade, a formação de professores merece uma atenção especial, pois são responsáveis pelas ações voltadas ao desenvolvimento social. Nesse sentido, autores como Tozoni-Reis (2003), Tristão (2007) ressaltam a responsabilidade da universidade em desenvolver estudos e implementar a educação ambiental em diferentes contextos. Cabe também as instituições de ensino a realização de formação continuada com a temática Educação Ambiental para a capacitação dos professores atuante na educação básica.

Segundo Barros (2009) há um consenso entre os pesquisadores que a Educação Ambiental, ao ser inserida na educação básica, deve estar presente em todas as disciplinas, e não somente que tratam das ciências naturais como geografia ou biologia.

Questionamos o que eles entendiam por Educação Ambiental e a definição trouxe opiniões variadas. 30% dos professores entrevistados acreditam que “Educação Ambiental compreende-se como um processo de conhecimento global e social em relação a natureza com os seres humanos, que busca despertar uma ação transformadora que conduz para melhoria da qualidade de vida”. Outras acreditam que a “Educação Ambiental é um processo de educação responsável por formar cidadãos preocupados com os problemas ambientais, bem como a

preservação dos recursos naturais e seu uso de forma sustentável”; E ainda, aqueles que compreendem a Educação Ambiental como “um processo educacional que promove a conscientização sobre a preservação ambiental” ou como “uma ferramenta importante para conscientização das pessoas para melhorar o mundo em que vivemos”.

Educação Ambiental é uma ferramenta importante para conscientização das pessoas para melhorar o mundo em que vivemos. É um processo educacional que promove a conscientização sobre a preservação ambiental. Percebe-se que a maioria dos professores entrevistados acredita que Educação Ambiental é um meio de formar e conscientizar os alunos para preservar o Meio Ambiente. No entanto, a ideia central da Educação Ambiental, deverá ser a de transformar a visão do homem em seus conceitos e representações no intuito de preservar a o local onde vivem com responsabilidade para manter a qualidade de vida (TRAVASSOS, 2004).

Ao perguntarmos sobre quais disciplinas os professores trabalham a Educação Ambiental, observamos que os professores dividiram suas opiniões em dois grupos. A maioria com 66,7% disseram que “É um tema transversal, pode ser trabalhado em todas as disciplinas”, porém, é comum entre os professores trabalharem a temática apenas na disciplina de ciências. Já 33,3% responderam que geralmente trabalham em geografia e ciências, mas pode ser abordada em outras disciplinas de forma interdisciplinar. É um tema transversal, pode ser trabalhado em todas as disciplinas. Geralmente trabalham em geografia e ciências.

Sobre o conhecimento da Lei nº 9.975/99 que trata da Educação Ambiental no Brasil, identificamos que 80% dos professores nunca ouviram falar e 20% afirmaram que já ouviram falar, mas, não tem conhecimento profundo da mesma. A própria Lei 9.975/99 traz no seu artigo 11º que “A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e todas as disciplinas”. Sendo assim, todos os professores, em atividade deveriam ao menos ter conhecimento a respeito dessa Lei, pois, suponha-se que durante sua graduação tenha recebido orientações a respeito de como cumprir o que determina a presente Lei.

Na questão que perguntamos sobre a definição de Meio Ambiente, os professores responderam que Meio Ambiente é um termo complexo para se definir, houve definições diferenciadas, mas, dentro do mesmo contexto, como por exemplo: “Meio Ambiente está relacionado a tudo aquilo que possui vida, é o meio que abriga o que tem e o que não tem

vida” (30% das respostas); “O Meio Ambiente envolve todas as coisas com vidas e sem vida que existem na terra refere-se a um conjunto de condições e influencia que cercam todo ser vivo” (25%); “Meio Ambiente consiste em uma definição das relações ambientais entre seres vivos, seres não vivos e seres humanos, trata-se do meio que condiciona a forma de vida da sociedade, que inclui valores naturais, sociais e culturais”.

Meio Ambiente está relacionado a tudo aquilo que possui vida, é o meio que abriga o que tem e o que não tem vida. O Meio Ambiente envolve todas as coisas com vidas e sem vida que existem na terra refere-se a um conjunto de condições e influencia que cercam todo ser vivo. Meio Ambiente consiste em uma definição das relações ambientais entre seres vivos, seres não vivos e seres humanos, trata-se do meio que condiciona a forma de vida da sociedade, que inclui valores naturais, sociais e culturais.

Travassos (2004) afirma que o conceito corrente de Meio Ambiente está associado teoricamente às áreas biológicas e geográficas, fugindo da amplitude do conceito Meio Ambiente, que deveria englobar simultaneamente o meio cósmico e o meio geográfico social, com sua cultura, suas instituições e seus valores.

Ao questionarmos sobre quais atividades de Educação Ambiental eles desenvolvem com os alunos, os professores responderam de forma diferenciada. 30% disseram que “trabalhar diversas atividades, que levam os alunos a se conscientizar na prevenção do meio ambiente”; outros 30% responderam que “trabalham com leitura, interpretação de texto, pesquisas, confecções de murais, produção de texto, debates e dinâmicas”; 15% afirmaram que “realizam discussões com seus alunos sobre problemas ambientais e preservação ambiental”; 25% “Geralmente as atividades de conservação e preservação do Meio Ambiente. Este tema tem mais destaque em datas como dia do Meio Ambiente, dia da árvore e dia da água”.

Afirmaram trabalhar diversas atividades, que levam os alunos a se conscientizar na prevenção do Meio Ambiente. Trabalham com leitura, interpretação de texto, pesquisas, confecções de murais, produção de texto, debates e dinâmica. Realizam discussões com seus alunos sobre problemas ambientais e preservação ambiental. Este tema tem mais destaque em datas como dia do Meio Ambiente, dia da árvore e dia da água.

Sobre as dificuldades encontradas ao trabalharem com atividades de Educação Ambiental, os professores responderam: “Falta de material didático e pedagógico que ajudem

a abordar este tema” (professor Manguê.); “Na maioria das vezes falta recursos para explorar melhor os conteúdos na teoria, pois na prática nos favorece bastante” (professora Taboa). Já a coordenadora Alface d’água, afirmou:

Os alunos conseguem compreender o tema na teoria, nas discussões, porém, na prática é bem difícil, pois envolve comportamentos e atitudes, por exemplo: muitos sabem falar de preservação da água, do Meio Ambiente, mas, jogam papel no chão sujando a sala, outros confessam que ao escovar os dentes deixam a torneira aberta entre outros hábitos. Além disso, a escola não dar suporte.

Na fala da coordenadora percebemos que o discurso dos alunos é diferente da prática. Isso significa que não houve apreensão da importância de preservar o Meio Ambiente. Talvez a resposta para isso estar na fala da professora Orelha de Onça, afirma: “trabalhamos de forma superficial, com conteúdos que visam mais informar do que praticar”.

Analisando as respostas dadas pelos professores, nota-se que cada um tem suas dificuldades particulares em trabalhar com Educação Ambiental. Observa-se uma contradição em algumas respostas. Porém, o que prevalece em todas as respostas, é a falta de recursos didáticos e apoio pedagógico para melhorar o desenvolvimento das atividades. Segundo Dias, é fundamental, para o desenvolvimento da Educação Ambiental, que os profissionais sejam capacitados para que as informações passadas para os alunos sejam adequadas.

O treinamento do pessoal docente é o fator principal no desenvolvimento da EA. A aplicação de programas de EA e o próprio uso adequado dos materiais de ensino só serão possíveis se os docentes tiveram acesso a treinamento, tanto em conteúdos quanto em métodos. (DIAS, pág. 88, 1992).

Nesse sentido, percebe-se que falta formação sobre Educação Ambiental para os profissionais de educação da escola pesquisada.

Sobre a inserção da Educação Ambiental no currículo, 6 dos 7 professores entrevistados responderam que a Educação Ambiental não está inserida no currículo da escola de forma clara. Porém, a coordenadora Alface d’água falou que: “A Educação está sim, inserida no currículo da escola de forma clara, apenas precisa ser colocada em prática”. Já a coordenadora Lentilha d’água disse: “A visibilidade da Educação Ambiental na escola é muito limitada, poderia ter mais ênfase junto ao PPP e as matrizes curriculares”. Ou seja, Lentilha reconhece que não há uma articulação com o PPP, como observamos na análise do mesmo. A professora Taboa afirmou: “Não está como deveria, pois é fundamental que preparemos os nossos alunos de forma consciente, que possamos formar cidadãos que sejam

capazes de conscientizar outras pessoas a preservar o mundo e ter cada vez mais qualidade de vida”.

Assim, de acordo com o que está proposto no PPP e as falas dos professores, conclui-se que a Educação Ambiental na escola é pouco visível. Contudo, mesmo assim, a são temas que tem sido trabalhados na referida escola.

No que se refere aos temas que gostariam de trabalhar na Educação Ambiental da escola, o professor Alecrim disse: “gostaria de trabalhar, Reflorestamento e biodiversidade”. Outro professor disse que “gostaria muito de trabalhar poluição”. (Junco). A coordenadora Lentilha d’agua, afirmou: “gostaria de trabalhar a preservação do ecossistema (flora e fauna) e a importância da água. A professora Taboa disse: “gostaria de trabalhar a importância da Educação Ambiental”. Para isso, é preciso elaborar projetos temáticos, conforme a coordenadora Alface d’agua falou: “A escola precisa elaborar Projetos que desenvolva a temática de forma mais abrangente”.

Observa-se, nas respostas dos docentes, a quantidade de temas importantes que foram abordados. Nesse caso, é muito interessante a fala da coordenadora Alface d’agua, A escola precisa elaborar projetos que possa desenvolver a Educação Ambiental de forma que venha contemplar todas a áreas de ensino.

A última questão trazia em seu enunciado o seguinte questionamento: “Sabemos que o Rio São Francisco é o maior recurso natural que temos em nossa região. A escola trabalha a questão da preservação do mesmo? É importante trabalhar esse assunto? Por quê?”. Os professores foram unânimes em dizer que é importante trabalhar esse tema. A coordenadora Alface d’agua disse:

A escola trabalha de forma superficial, na semana do Meio Ambiente ou quando abordamos o conteúdo “rio” ou o tema “água”, deveriam trabalhar mais. Pois, é uma maneira de conscientização e formação do ser humano para o convívio com o Meio Ambiente em equilíbrio.

A professora Taboa acrescentou ainda que é importante “Porque a preservação do Rio São Francisco depende da conscientização de cada um”. Já a coordenadora Lentilha d’agua assume que a escola “explora pouco o tema preservação do Rio São Francisco, é muito importante abordar questões sobre o Rio, é a maior fonte de renda e vida para a região”.

Sendo assim, percebe-se que as coordenadoras e os professores, precisam apenas de mais estímulo e formação continuada, para trabalhar e aprofundar mais esse trabalho que vem

sendo desenvolvido, mesmo de forma tímida, mas que tem, de certa forma, contribuído para a aprendizagem e conhecimento dos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal. Sendo assim, observamos nessa pesquisa que a escola ainda não se organizou para colocar em práticas a Educação Ambiental da maneira como é a proposta na legislação educacional.

A Educação Ambiental precisa ser uma prática educativa integrada e contínua no contexto da escola de modo a ser permanente e transversal em todos os componentes. Todavia, conforme a análise feita no PPP da escola, foi possível observar que esse documento não trata de Educação Ambiental. Apenas cita sobre o Meio Ambiente como tema transversal, mas não aponta ações neste sentido no dia a dia da escola e das aulas.

A legislação também garante a inserção da dimensão ambiental nos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. Todavia, a pesquisa apontou que a escola não oferece formação continuada sobre essa temática para professores. Nesse sentido, a maioria dos professores da escola pesquisada, não conhece ou nunca ouviu falar da Lei de Educação Ambiental.

Em relação aos docentes, percebe-se que mesmo sem apoio e incentivo por parte da escola, muitos são influenciados pelas áreas em que atuam e procuram desenvolver atividades relevantes para a aprendizagem do aluno quando vão trabalhar com Educação Ambiental. Mesmo sendo em disciplinas específicas e em datas comemorativas. Observou-se ainda nesse estudo que apesar da escola não ser motivada em desenvolver a Educação Ambiental como estabelece a lei, existe certo grau de conhecimento nas ideias, tanto dos alunos do 5º ano, quanto do 8º/9º ano de EJA, a respeito da Educação Ambiental e Meio Ambiente.

Portanto, conclui-se que a Educação Ambiental deve ocorrer como um processo participativo e a escola, um espaço social onde o sujeito educando é o principal elemento no processo de ensino/aprendizagem. Contudo, é necessário que as ações educativas sejam orientadas pelo Projeto Político Pedagógico, assim como os roteiros de trabalho de campo, atividades práticas e planejamento de aula estejam fundamentados teoricamente para que a

prática da Educação Ambiental não seja aplicada de forma descontextualizada. Afinal, a organização do trabalho pedagógico não se refere somente à Educação Ambiental, mas todas as disciplinas inseridas no currículo escolar.

Diante de tudo isso, percebe-se a necessidade de trabalhar Educação Ambiental em todos os espaços formais e não formais de educação. E sabendo que a Educação do Campo não é diferente dos demais espaços de educação, nota-se a importância de trabalhar a Educação Ambiental na Escola do Campo para que o aluno venha compreender que é necessária relacionar dialeticamente teoria e prática. Sendo que o sujeito do campo está sempre em contato direto com o Meio Ambiente. O sujeito também precisa aprender que o Meio Ambiente é parte integrante do ser humano e sua preservação é essencial para qualidade de vida na terra.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, C.D.M.; QUAREMA, A.G. **Educação Ambiental, Desenvolvimento local e Gestão Social-Perspetivas para Escola.** II CONINTER - Congresso Internacional interdisciplinar em Sociais e Humanidades. Belo Horizonte, de 08 a 11 de outubro de 2013. Disponível em: <www.2coninter.com.br/artigos/pdf/562.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2015.

ARROYO. Miguel Gonzalez; CARLDART. Roseli Salete; MOLINA. Castagna. (Orgs.). **Por uma educação do campo.** 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ARROYO, Miguel Gonsalez; CALDART, Roseli; CASTAGNA, Mônica (organizadores). FERNANDES, Bernado M.; CERIOLI; Paulo R.; CALDART, Roseli S. Primeira. **Por uma Educação básica do Campo,** Petrópolis, RJ:Vozes, 2004.

ARROYO, M. G. **Imagens Quebradas – Trajetórias e tempos de alunos e mestres.** Petrópolis:editora Vozes, 2004.

BAHIA. **Programa de Educação Ambiental do Sistema Educacional da Bahia-ProEASE/** Secretaria de Educação do Estado da Bahia. 2a Edição- Salvador; SEC 2015. 131 P.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 2/2012.** Diário Oficial da União, Brasília, 18 de junho de 2012– Seção 1 – p. 70.

_____. **DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS**

ESCOLAS DO CAMPO. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica,Brasília, 2002.43

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília, DF, 2001.

_____. MEC/CNE. **Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.** Parecer CNE/CEB no 36/2001, aprovado em 4 de dezembro de 2001.

_____. **Lei nº 9.795: Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de educação ambiental e dá outras providências,** de 27 de abril de 1999. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 1999. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____.Resolução CNE/CEB, nº 2/2008. **Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o Desenvolvimento de Políticas Públicas de Atendimento da Educação Básica do Campo.**Brasilia:MEC/CNE,2008.

_____. **Decreto 7352 de 04 de novembro de 2010.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>. Acesso em: 10 set. 2018.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 1992. p. 88 de 224p.

DOWBOR, Ladislau. 2007. **Educação e apropriação da Realidade Local**. Estudos Avançados [online]. vol.21, n.60, Disponível em: www.dowbor.org. Acessado em 18 mar. 2018.

FARIA, D. R. **Educação Ambiental na Escola do Campo – Uma Forma de Preservar o Futuro**. 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/.../R%20-%20E%20-%20DAGUIOMAR%20DO%20ROS...>. Acesso em: 02 abr. 2018

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. “Primeira Conferência Nacional **“Por uma educação básica do campo”**: texto preparatório”. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004. Disponível em: www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/119?.... Acesso em: 02 abr. 2018

_____. **Primeira Conferencia Nacional “Por uma educação básica do campo” texto Preparatório** In: ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Mônica Castagna (organizadores). Por uma Educação do Campo. 4 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GONÇALVES, G. N; CRUZ-SILVA, C. T. A. da. **Análise dos conhecimentos sobre problemas ambientais dos alunos do ensino fundamental e ensino médio da rede pública**. Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental. Rio Grande do Sul. v. 23. jul/dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3953>. Acesso em: 19 ago. 2018.

JACOBI, P. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. In: Cadernos de Pesquisa.USP, São Paulo: n°118. p. 10,200344

LEITE, I. A. Et al. **A Escola: Principal Ferramenta na Formação de Uma Consciência Coletiva Voltada Para Uma Vida Sustentável**. Biodiversidade V.14, N1, 2015- pág. 162. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/viewFile/2259/162>. Acesso em: 31mar. 2018.

LIMA, W. **Aprendizagem e classificação social: um desafio aos conceitos**. Fórum Crítico da Educação: Revista do ISEP/Programa de Mestrado em Ciências Pedagógicas. V. 3, n. 1, out. 2004.

LOBATO, W. **Educação e meio ambiente: o desafio da incorporação da dimensão ambiental e prática docente**. In: Encontro Nacional de Ensino de Geografia, 5., 1999, Belo Horizonte. Anais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1999.

MARSON, P.C.; LIMA, F.T.W.; TOMÉ, T.M.; FAVETTA, L. R. A. **Investigando os conhecimentos prévios sobre educação ambiental dos professores de uma escola de educação infantil do interior de São Paulo**. 9o Simpósio de ensino de Graduação - UNIMEP-Ambiente e sustentabilidade. São Paulo, 2011. Disponível em: www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/9mostra/4/363.pdf. Acesso em 12 fev. 2015.

MEDEIROS, B. Aurélia, et al. **A Importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais.** Revista Faculdade Montes Belos, v.4, n.1, set. 2011. Disponível em: <http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/a-importancia-da-educacao_ambiental-na-escola-nas-series-iniciais.pdf>. Acesso em: 15 Ago. 2018.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo, Brasiliense, 2006.

_____. **A floresta e a educação;** por uma educação ambiental pós-moderna. 2ºed. Cortez. São Paulo, 2002.

_____. (Org.) Verde Cotidiano, **o meio ambiente em discussão.** Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

_____. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **O que é educação ambiental.** São Paulo; Brasiliense. 1994. Coleção Primeiros Passos; n.1.

NETO, L. B.; BEZERRA, C. S.; **Educação do Campo:** referenciais teóricos em discussão. Portal de Periódicos UFOPA. Revista Existus, v. 1, n. 1 (2011) Disponível em:<<http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/209/196>>. Acesso em: 07 Abr. 2018.

PAVESI, Alessandra; FARIAS, Carmen R. O.; OLIVEIRA, Haydée Torres. **Ambientalização da Educação Superior como aprendizagem institucional.** Revista ComScientia Ambiental. Curitiba, 2 sem. 2006. Disponível em: <http://www.comscientianimad.ufpr.br/2006/02/acervo_cientifico/outros_artigos/artigo_sandra_pavesi.pdf>. Acesso em: 05/11/2018.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Pesquisa em educação ambiental na universidade: produção de conhecimentos e ação educativa.** In: TALAMONI, J. L. B. ; SAMPAIO, A. C. (Orgs.). Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania. São Paulo: Escritura, 2003.

_____. **Temas ambientais como “temas geradores”:** contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar, Curitiba, n.27, p.93-110, 2006. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n27/a07n27.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

_____. **Fundamentos Teóricos Para Uma Pedagogia Crítica Da Educação Ambiental:** Algumas Contribuições. TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos – 45.

UNESP-Botucatu-GT: Educação Ambiental/n.22. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt22-3311-int.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

TRAVASSOS, E.G. **A prática da educação ambiental nas escolas.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

TRISTÃO, M. **Espaços/tempo de formação em educação ambiental.** In: GUERRA, A. F. S. ;

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário sobre Educação Ambiental e Meio Ambiente (Discentes)

1- Em sua escola, você estuda sobre Meio Ambiente?

2-Quais disciplinas das que você estuda tratam de Educação Ambiental e da preservação do Meio Ambiente?

Ciências Geografia Português

Todas Nenhuma Matemática

3-Qual a importância do Meio Ambiente para você?

4- Quando o (a) professor (a) fala sobre o Meio Ambiente e a importância de preservá-lo?

em todas as aulas somente na semana do meio ambiente

só nas aulas nunca

5- Para você, o que é Meio Ambiente?

6- Você conhece, ou já ouviu falar do Rio São Francisco?

7- Para você, o Rio São Francisco é parte do Meio Ambiente?

8- É importante preservar o Rio São Francisco e todo Meio Ambiente? Por quê?

9- O Rio São Francisco é importante para nossa região? Por quê?

10- Como podemos preservar o Rio São Francisco e todo o Meio Ambiente?

APÊNDICE B:

Questionário sobre Educação Ambiental e Meio Ambiente (Docentes)

1- Qual é a sua formação?

2- O que você entende por Educação Ambiental?

3- Quais disciplinas trabalham Educação Ambiental na escola?

4- Qual a sua definição de Meio Ambiente?

5- Você já ouviu falar na Lei 9.975 de 27 de abril de 1999 que trata sobre a Educação Ambiental?

6- Quais atividades de Educação Ambiental desenvolvem com seus alunos?

7- Quais dificuldades encontradas ao trabalharem com atividades de Educação Ambiental?

8- Na sua opinião como a Educação Ambiental está inserida no currículo da escola?

9- Que temas você gostaria de trabalhar a Educação Ambiental na escola?

10- Sabemos que o Rio São Francisco é o maior recurso natural que temos em nossa região. A escola trabalha a questão da preservação do mesmo? É importante trabalhar esse assunto? Por quê?